

LINGUASAGEM

TEMPORALIZAÇÕES NA/DA PANDEMIA: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS COMO UM MARCO LINGUÍSTICO E HISTÓRICO

TEMPORALIZATIONS IN/OUT OF PANDEMIC: THE PRODUCTION OF MEANINGS AS A LINGUISTIC AND HISTORICAL LANDMARK

Gabriele Cristine CARVALHO¹

Nádia Dolores Fernandes BIAVATI²

Resumo: Neste artigo, analisamos o funcionamento das temporalizações evocadas pelas formações nominais “quarentena” e “novo normal” durante a pandemia do SARS-CoV-2. À luz dos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, advogamos que o conceito de temporalidade, que se baseia na sucessão linear dos acontecimentos, é insuficiente para analisar os enunciados que discursivizam a realidade. Nossos dizeres constroem e reconstróem sentidos que se tornam pertinentes na emergência do enunciar quando entram em relação com referenciais, isto é, a ancoragem da significação baseada no funcionamento histórico-social da língua. A análise das formações nominais “quarentena” e “novo normal” mostram que outros referenciais, como os de cuidado, sofrimento, desigualdade, mudança e comportamento cruzam-se com o referencial de tempo evocado por essas formas linguísticas, remetendo não a temporalidades, mas a temporalizações.

Palavras-chave: Semântica da Enunciação; Temporalização; Formação Nominal, Pandemia.

Abstract: In this paper, we analyse the workings of temporalization evoked by the nominal formations “quarantine” and “new normal” during SARS-CoV-2 pandemic. Based on the assumptions of the Semantic of Enunciation, we argue that the concept of temporality, which rests on the linear sequence of events, is not enough to analyse the statements that discursivize the reality.

¹ Professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola do IFMG – Campus Santa Luzia, ao qual agradeço pelas condições de realização da pesquisa de pós-doutorado, que desenvolvo sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Francisco Dias na UFMG, e da qual este artigo é um produto. Integrante do grupo de estudos ENUNCIAR (FALE/UFMG). E-mail: gabriele.carvalho@ifmg.edu.br.

² Professora adjunta da Universidade Federal de São João Del-Rei, a qual agradeço pelas condições de realização da pesquisa de pós-doutorado. Doutorado em Linguística pela UFMG, Brasil (2009). Atualmente, realizando pós-doutorado sob a supervisão do Prof. Dr. Luiz Francisco Dias na UFMG, e da qual este artigo é um produto. Integrante do grupo de estudos ENUNCIAR (FALE/UFMG). E-mail: nadiabiavati@ufsj.edu.br. *revista Linguasagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

Our sayings build and rebuild meanings that become pertinent in the emergence of enunciation when they come into relations with referentials, i. e., the anchoring of the meaning based on sociohistorical functioning of society. The analysis of the nominal formations “quarantine” and “new normal” shows that others referentials, such as care, suffering, inequality, change and behavior, intersect with the evoked time referencial by these linguistics forms, referring not to temporalities, but to temporalizations.

Keywords: Semantic of Enunciation; Temporalization; Nominal Formation; Pandemic.

Introdução

O presente trabalho apresenta os modos de funcionamento de temporalizações em sua formação e seu comportamento diante do referencial histórico da pandemia. Partimos da noção de tempo problematizada por Benveniste (1989) e Guimarães (2002, 2005, 2018) e tratamos das contribuições dos estudos de Dias (2018) para produzirmos reflexões sobre formações nominais que se projetam diante dessa realidade que se impõe.

Benveniste (1989) define enunciação como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (p. 82), o qual introduz um locutor, e a partir dele, constitui-se um centro de referência interno. Isso posto, o objeto que ganha destaque nos estudos benvenistianos são os dêiticos, visto que o comportamento dessa classe comprova que algumas entidades do discurso são “signos vazios”, não referenciais, que significam somente na/pela enunciação, tornando-se “plenos” quando o locutor os enuncia (BENVENISTE, 1976). Fundamentando-se nos estudos benvenistianos, a teoria enunciativa expandiu seus objetos e se recombina com outras teorias.

O conceito de tempo ganha destaque na teoria enunciativa, pois, nos estudos benvenistianos, destaca-se como a enunciação instaura a categoria do presente, com base na qual se organizam um antes e um depois. Portanto, segundo esses pressupostos, a temporalidade é produzida na/pela enunciação do locutor. É por essa noção de temporalidade que coordenamos a noção de tempo como se ele fosse linear, noção com que lidamos no cotidiano. Acontece que, como seres humanos que somos, inventamos e ressignificamos sentidos a todo momento. Ao lidar com o tempo, lidamos com a enunciação, tomando nossos dizeres para produzirmos sentidos que se instauram na emergência do enunciar. E assim acontece com a noção de tempo. Resignificamos o

tempo por meio das temporalizações. São elas que indicam caminhos da enunciação na construção dos enunciados que produzimos diante da realidade linguística.

Em um primeiro momento, trataremos dos conceitos caros à Semântica da Enunciação, destacando os trabalhos de Guimarães (2002, 2018) e Dias (2018). Em um segundo momento, apresentaremos as análises das formações nominais *quarentena* e *novo normal*. Por fim, na última seção, apresentaremos as considerações finais.

A Semântica da Enunciação

Neste texto, utilizamos os pressupostos da Semântica da Enunciação desenvolvida a partir dos trabalhos de Guimarães (2002, 2005, 2018) e de Dias (2018), para tratar da temporalização nas formações nominais que discursivizam a noção de “quarentena” e o chamado “novo normal”, articulações com que estamos lidando diariamente diante da pandemia.

Os estudos enunciativos desenvolvidos por Guimarães (2002, 2018) se baseiam em Benveniste (1976, 1989), em Ducrot (1984), no texto “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação”, e na Análise do Discurso desenvolvida no Brasil. Para Guimarães (2002), a enunciação é o acontecimento da produção de sentidos, constituindo uma temporalidade do presente do enunciar, que é atravessada por memoráveis (já-ditos) que projetam significações futuras. É, portanto, histórica.

Como o significado se constitui na enunciação, a teoria rejeita uma relação direta entre linguagem e mundo ou, nas palavras do autor, “as coisas são referidas enquanto significadas e não enquanto simplesmente existentes” (2002, p. 10). Essa forma de conceituar a enunciação também tira a centralidade do locutor, que passa a ser agenciado pelo acontecimento da enunciação, a qual é responsável por instaurar a temporalidade. Assim, diferentemente de Benveniste, “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito não é assim a origem do tempo. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Guimarães (2002) também defende que o político faz parte da enunciação³, porque o acontecimento enunciativo ocorre em um espaço de enunciação, que é regulado pela relação desigual entre línguas e falantes. Além disso, conforme o autor,

os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços ‘habitados’ por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. (2002, p. 18)

Essas divisões e redivisões do real são políticas para o autor, pois implicam obediência ou disputa de um objeto discursivo por parte do locutor, que também ocupa uma posição discursiva significada na enunciação. Baseando-se nos estudos de Rancière (1995), Guimarães toma a política como o lugar do *Logos*, e é por meio da palavra que se dá o projeto de divisão e organização da sociedade. A base para que o político se instale, segundo o autor, é o conflito, a contradição entre as posições/instituições normativas “que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos” (GUIMARÃES, 2002, p. 17).

A perspectiva enunciativa de Guimarães (2002, 2018) fundamenta a teoria de Dias (2015a, 2015b, 2017, 2018), cuja abordagem apresenta uma identidade própria. Assim como Guimarães, Dias (2018) trata a enunciação como o acontecimento da produção de sentidos que tem caráter histórico e político. É histórico, porque os enunciados trazem ecos de significações anteriores, que se atualizam nas pertinências do presente do enunciar, e têm uma latência de futuro e é político, porque podem evocar referenciais históricos de resistência e/ou de aceitação. Os conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa, que sustentam a teoria, recebem influência: de Bally (1965), segundo o qual a enunciação de um conteúdo traz uma reação a ele; do conceito de memória, desenvolvido por Achard (1999), que discute o papel da memória a partir da análise dos implícitos, que seriam formados a partir de uma repetição, que geraria uma regularização, permitindo, por um lado, a criação de paráfrases, e, por outro lado, provocaria um “jogo de força” com as

³ O conceito de político de Guimarães se baseia em Orlandi (1990), que trata “político” como “conflito”, e em Rancière (1995), para quem a “política” relaciona-se com o “dissenso”.
revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

enunciações futuras, e por Pêcheux (1999), para quem a memória é um “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos e de regularizações...” (p. 56); e do conceito de referencial, apenas esboçado por Foucault (2019), o qual detalharemos a seguir.

Foucault (2000) analisa os sistemas internos e externos que regulam, sustentam, estabilizam, delimitam e excluem algumas práticas discursivas. De acordo com o autor, os sistemas de exclusão externos são a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade de uma época, a qual se apoia não apenas nas instituições, mas também na forma como os saberes são valorizados e distribuídos. Os sistemas internos de exclusão são o autor, o comentário, que corresponde às glosas ou retomadas dos textos autorais; e as disciplinas, que representam os objetos, os métodos e as proposições consideradas verdadeiras em um campo. Esses sistemas que mostram as filiações de nosso discurso, também são excludentes, porque funcionam como uma “polícia” discursiva.

Foucault (2019) apresenta as bases metodológicas necessárias para apreender as regras que sustentam uma regularidade discursiva (formações discursivas) e que excluem ou impedem a formação de outras. Segundo Foucault (2019), para se entender as formações discursivas, é necessário descrever os enunciados, mas essa descrição é lacunar e percorrida por uma dispersão de uma exterioridade e não se volta para uma origem, mas para as formas de acúmulo nas quais é possível captar as regularidades enunciativas. Foucault (2019) ainda afirma que, diferentemente da frase que teria como correlato o referente, o enunciado é ligado a um “referencial”, que está relacionado ao campo de emergência dos enunciados, da “instância de diferenciação dos indivíduos e dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (p.110-111), delimitando seu sentido e caracterizando o nível enunciativo da formulação.

Baseando-se nesse conceito de referencial desenvolvido por Foucault (2019), Dias (2018) institui o conceito de referencial histórico, que é definido como a ancoragem de significação histórico-social da língua, que funciona a partir das relações sociais. Conforme Dias (2018)

O conceito de referencial tem raiz nesse suporte institucional dos nossos dizeres, isto é, na filiação que eles adquirem tendo em vista o funcionamento histórico da sociedade, especificamente o complexo de

regulações, admissões, proibições, incentivos. O referencial constitui-se, portanto, em um dos dois fundamentos daquilo que designamos por razão enunciativa das relações linguísticas. Trata-se dos domínios em que os enunciados se ancoram para se situarem segundo o funcionamento histórico-social. (DIAS, 2018, p. 101)

A nossa participação nas demandas enunciativas do presente, na teoria, é denominada pertinência enunciativa. Consoante Dias (2018), o termo não se relaciona à relevância ou à adequação dos dizeres, mas está relacionado ao conceito de “pertencimento”, ao modo como os enunciados se conformam às cenas de enunciação. O autor define dois tipos de pertinência: as conformações interativas, relacionadas aos atos de fala, como proposto por Austin (1990), e as conformações de articulação, relacionadas aos gêneros e tipos textuais, o que incluiriam os domínios discursivos.

Veremos, nas análises, como os conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa de Dias (2018) e o conceito de político de Guimarães (2002) atuam nas formações nominais sobre a pandemia, considerando as temporalizações bastante usadas nessa enunciação, “novo normal” e “quarentena”. Antes, apresentaremos explicações sobre o conceito de formação nominal e sobre a metodologia utilizada.

Formação nominal e metodologia na teoria enunciativa

Com o objetivo de captar a relação entre exterioridade e linguagem de um ponto de vista enunciativo, Dias (2018) concebe o conceito de formação nominal em detrimento do conceito de sintagma nominal. Segundo Dias (2015a), um dos problemas do uso do sintagma nominal (SN) é que, para os adeptos desse conceito, “enunciar é formular propriedades da realidade” (p. 116), o que implica uma relação referencialista da linguagem, baseando-se em uma relação direta entre linguagem e mundo. Outro ponto é que, ao privilegiar a análise de traços, as teorias formalistas constituem relações horizontais entre as formas linguísticas, por meio de análises componenciais.

Fundamentando-se em uma visão não referencialista da linguagem, Dias (2015a) defende que a agregação de formas linguísticas que constituem a sintaxe do enunciado ocorre devido à relação entre os referenciais históricos mobilizados e as pertinências enunciativas advindas das demandas do presente. A formação dessas unidades

articulatórias, nucleadas por um nome (substantivo, pronome ou oração substantiva), ocorre, segundo esses pressupostos teóricos, porque a língua é um sistema de regularidades (e não de regras) de acordo com o qual o que “regula essa ordem de relações não advém de propriedades do corpo de elementos do sistema, mas são circunscrições de modos de enunciar constituídos na memória do dizer” (p.118). Nesse modelo, uma forma linguística se constitui, articula-se a constituintes em processos de formação de palavras ou se articula a outras formas linguísticas por razões enunciativas e se conforma às regularidades linguísticas. Trata-se, portanto, de uma abordagem vertical dos grupos nominais (DIAS, 2015a; 2015b).

Para mostrar a diferença entre SN e FN, Dias (2013) explica o uso do adjetivo “antiga” na FN “antiga Rua da Floresta”. Nesse caso, a análise das propriedades do adjetivo não explica seu uso na construção, já que “antiga” não indica uma qualificação, estado ou a aparência da rua nessa enunciação. O uso do adjetivo sinaliza um referencial de resistência dos moradores à mudança do nome da rua, cujo gesto de insatisfação torna-se pertinente quando ocorre a possibilidade de mudança do seu nome. Assim, a articulação entre “antiga” e “Rua da Floresta” é de ordem enunciativa. Esse exemplo demonstra que “as formações articulatórias sustentam materialmente a memória da língua e ao mesmo tempo a memória das significações dos seus termos, isto é, das unidades que integram essas formações” (DIAS, 2018, p. 171).

Um dos temas caros ao trabalho de Dias é uma abordagem enunciativa da nominalidade, que, segundo o autor, trata da constituição dos nomes e de sua estabilização na língua (articulações subnominais), sua articulação com formantes nos processos de derivação e de composição (articulações intranominais) e sua articulação para formar grupos nominais complexos (articulações internominais)⁴. Essas três dimensões da nominalidade serão tratadas na próxima seção.

Na teoria, usamos duas formas de observar os enunciados: as ocorrências de regularidades das/nas redes enunciativas, bem como o modo como se constituem e recorrem às formações nominais a partir do referencial histórico. Utilizaremos essa metodologia de análise dos enunciados, elaborada por Dias (2018), para analisar as FNs

⁴ Para maiores informações, sugerimos a leitura dos capítulos III e IV de Dias (2018).

quarentena e novo normal discursivizadas durante a pandemia. Segundo o autor, a rede enunciativa é “um procedimento de demonstração das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas” (DIAS, 2018, p. 36). Essa técnica permite, mediante a comparação de estruturas linguísticas, perceber os referenciais históricos que foram mobilizados nas enunciações e que ancoram as significações. Neste trabalho, para a constituição das redes enunciativas, foram utilizados textos retirados de pesquisas realizadas nas buscas do Google e textos escritos em redes sociais.

Temporalizações: o tratamento do enunciável na pandemia

Quando tratamos do referencial histórico que aqui nos interessa, tratamos do período da pandemia de 2020. No âmbito das Ciências Sociais, Carrara (2020, p.2) descreve que há formas próprias de perceber a pandemia, construindo e usando articulações linguísticas adotadas pela saúde pública. Para ele, prevalecem povos compostos por “indivíduos intercambiáveis e separáveis apenas em quatro grandes categorias: ‘susceptíveis’, ‘infectados’, ‘sobreviventes’ e ‘mortos’”. Percebemos que a rede de dizeres se faz de modo mais amplo.

Avançando os estudos de Guimarães (2002; 2018) sobre a produção de sentidos, a nossa percepção no/sobre o tempo é que na língua há duas formas de produzir marcas de uma enunciação em enunciados a esse respeito: como temporalidade, tratando do modo de ver o tempo como sucessão linear de acontecimentos; e como temporalização, visão sobre o tempo que burla a organização do enunciável, para produzir sentidos que se (re)formulam e ressignificam a realidade. Essa primeira forma de perceber o tempo é aquela que nos dá a capacidade para enumerar datas, contar os dias do período pandêmico, nomear datas e ações em sequência nesse tempo e localizar eventos nessas condições: são as temporalidades. Já a segunda forma de ver o tempo, a que tratamos preferencialmente no presente texto, projeta sentidos que lidam com o enunciável constituído no plano morfossintático tratando das especificidades da pandemia, o que chamamos de temporalizações desse tempo, articulações que se dão na ordem do indefinido, nas condições do instável. Desse modo, a forma de enunciar sobre a pandemia evoca o

enunciar para além dos marcos cronológicos, definindo sentidos em especificidades discursivizadas para além do tempo convencional, em uma visão própria da pandemia.

Enunciar sobre a pandemia de 2020 requer refletir sobre a quarentena, considerando os elementos mobilizados para que os sentidos se atualizem (BIAVATI; MODL, 2020, p. 756). Nesse caso, compreendemos que é possível isolar enunciado de enunciação, observando os significados, como mostraremos nas análises da FN *quarentena*, e da FN *novo normal*.

Análise da formação nominal *quarentena*

Vejamos a rede enunciativa 1 que mostra como a FN *quarentena/a quarentena* aponta não somente para um referencial de tempo, mas também para um referencial de cuidado.

Rede enunciativa 1 – Rede enunciativa da FN *quarentena* ancorada em um referencial de cuidado.

a) A quarentena e o distanciamento social, aliados à higienização mais intensa, são as formas mais eficazes para prevenir o contágio do Coronavírus de forma coletiva. A medida recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) visa evitar colapsos nos sistemas de saúde por sobrecarga de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), como aconteceu na Itália e Espanha.⁵

b) A quarentena para frear o coronavírus vai durar até quando?⁶

⁵ A IMPORTÂNCIA da quarentena no combate ao coronavírus. *Grupo Notre Dame Intermédica*. 05 mai. 2020. Disponível em: <https://www.gndi.com.br/saude/blog-da-saude/qual-a-importancia-da-quarentena-durante-a-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 13 nov. 2020.

⁶ PAIVA, Vitor. *A quarentena para frear o coronavírus vai durar até quando?* Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/04/a-quarentena-para-frear-o-coronavirus-vai-durar-ate-quando/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

revista *Linguasagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.



c)



d)

Fonte: Autoria própria.

Em (1a), a FN *quarentena* articula-se à predicação “são as formas mais eficazes para prevenir o contágio do Coronavírus de forma coletiva”. Essa FN também é referenciada por “a medida recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)”, em que se mobilizam os referenciais históricos dessa entidade responsável por promover a saúde mundialmente e controlar surtos de doenças. Ainda nesse texto, associa-se a FN *quarentena* a uma forma de conter o colapso dos sistemas de saúde, acionando-se os referenciais de sobrecarga hospitalar ocorridos na Itália e na Espanha, lugares com altos índices de internações e mortes. Logo, o referencial de cuidado da FN *quarentena* está ancorado nos memoráveis de prevenção coletiva, OMS e controle da sobrecarga dos sistemas de saúde. No enunciado (1b), a FN *quarentena* é articulada a “para frear o coronavírus”, remetendo também a uma forma de cuidado, embora, nesse enunciado, já se proponha um questionamento do confinamento por meio da predicação “vai durar até quando?”. Em (1c) e (1d), ao interpretarmos, mobilizamos sentidos sobre quarentena que fogem à ideia dicionarizada de quarenta dias. Vemos, em painéis de festa com o tema “quarentena”, vendidos em sites de vendas online, que o referencial de cuidado é ancorado

⁷ Disponível em: <https://www.americanas.com.br/produto/1649188749>. Acesso em: 13 nov. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.elo7.com.br/painel-de-tv-festa-quarentena-festa-no-rack-digital/dp/12E2FD3>. Acesso em: 13 nov. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

pela fita zebra – usada para sinalizar áreas de risco –, que envolve totalmente o painel, em (1c), e parcialmente, em (1d); pelo símbolo que representa perigo biológico, que limita o enunciado “fique em casa”, em (1c), e está na lateral esquerda, em (1d); pelo desenho do vírus SARS- CoV-2 dentro de um triângulo do lado direito de (1d); pelos enunciados “fique em casa”, “ninguém está convidado” e “sem convidados, mas com muito amor”. Também podemos notar um referencial de humor, em (1c) e (1d), visto que o tema da quarentena (período difícil, normalmente relacionado ao isolamento social e confinamento) é utilizado nas festas de aniversário, justificando não somente a necessidade de uma festa menor, “sem convidados”, mas tentando criar um clima de normalidade, ao manter as comemorações durante a pandemia.

Ao contrário da rede enunciativa 1, na rede enunciativa 2, a FN “quarentena” é associada ao sofrimento.

Rede enunciativa 2: FN *quarentena* ancorada em um referencial de sofrimento.

a) J.P, engenheiro químico de 32 anos, foi ao encontro de dois amigos para um jantar no último final de semana depois de mais de 90 dias de completo isolamento social de todos. “Para mim, não se trata de furar a quarentena. Foi uma troca de afeto, um gesto até de autocuidado em tempos tão difíceis”, justifica ele, que, apesar da *transgressão*, defende a necessidade de que as pessoas fiquem em casa para evitar a propagação do coronavírus.⁹

b) Alguns argentinos a chamam de "quarentena", fazendo piada, porque o isolamento social preventivo e obrigatório decretado há cinco meses pelo governo de Alberto Fernández tornou-se a quarentena ininterrupta mais longa do mundo.¹⁰

c) A saúde mental em tempos de pandemia é uma preocupação constante. Foram documentados em todo o mundo aumento de ansiedade, depressão, estresse e até pensamento suicida associados à quarentena por Covid-19.

⁹ OLIVEIRA, Joana. “Fadiga da quarentena” leva até os defensores do isolamento a se arriscarem contra as regras. *El país*. 24 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/fadiga-da-quarentena-leva-ate-os-defensores-do-isolamento-a-se-arriscarem-contra-as-regras.html>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹⁰ SMINK, Veronica. “Estamos exaustos”: o efeito da quarentena mais longo do mundo sobre os argentinos. BBC News Brasil. 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53870868>. Acesso em: 13 nov. 2020.

revista Linguagem, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.



d) 11



e) 12

Fonte: Autoria própria.

Em (2a), o referencial de temporalização sustentado por “quarentena” é ancorado pela expressão temporal “depois de mais de 90 dias de completo isolamento social de todos”. A ruptura do isolamento, definida como “transgressão” pelo jornalista, e relacionada ao referencial de cuidado, é justificada como necessária e articulada a “troca de afeto” e “autocuidado em tempos tão difíceis”. Em (2b), o referencial de sofrimento se confunde com o de tempo na FN “quarentena” e na FN “a quarentena ininterrupta mais longa do mundo”. Em (2c), o referencial de sofrimento sobrepõe-se ao de tempo com a associação de quarentena ao “aumento de ansiedade, depressão, estresse e até pensamento suicida associados à quarentena por Covid-19”. O referencial de sofrimento é inferido, em (2d), já que a Fiocruz, vinculada ao Ministério da Saúde, que tem como objetivo promover a saúde, realiza uma pesquisa que busca conhecer os impactos do confinamento. E em (2e), o referencial de sofrimento relacionado à quarentena é inferido pelo verbo “enfrentar”, pois seu significado remete ao referencial de disputa, de superação de uma circunstância ruim, de conflito. Esse referencial de sofrimento relacionado à quarentena torna pertinentes as

¹¹ MARQUES, Fernanda. Pesquisa: Como você está vivendo a quarentena? Fiocruz Brasília. 19 jul. 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.br/como-voce-viveu-ou-esta-vivendo-a-quarentena/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹² SANTOS, José Carlos dos. Como enfrentar a quarentena. Psicologia e educação. Disponível em: <https://padrejoselcarlos.com.br/noticia/como-enfrentar-a-quarentena/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

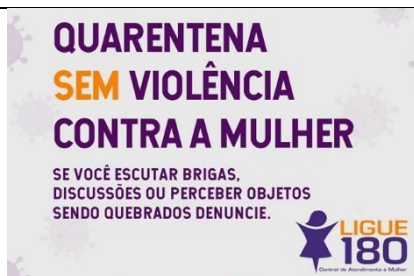
justificativas para “furar” o isolamento, como em (2a), brincadeiras, que transformam “quarentena” em “quareterna”, como em (2b), alertas e pesquisas sobre os impactos do confinamento para a saúde, como em (2c) e em (2d), e dicas para suportar o período, como em (2e).

A rede enunciativa 3 é constituída por grupos nominais complexos, como *quarentena negra*, *quarentena sem violência contra a mulher*, *quarentena da periferia* e *quarentena da classe média*, consistindo de relações internominais, em que o nome *quarentena* sofre a perspectivação de adjetivos e ou de locuções adjetivas. Segundo Dias (2018, p. 155), “o conceito de perspectivação está centrado na tese de que os determinadores da FN exercem o papel de evocar o caráter memorável do substantivo e situá-lo no presente da enunciação”. Portanto, nessa rede, não somente elementos do enunciado ou do texto vão remeter a outros referenciais, além do referencial de tempo, mas, principalmente, os determinadores internos à FN é que vão dar suporte a esses referenciais.

Rede enunciativa 3: FN *quarentena* ancorada em um referencial desigualdade.

a) Quarentena negra

A proposta de realizar a Live com tema pertinente a nossa realidade foi uma iniciativa do “**Elas por Elas MT**” e que, com certeza, aguçou a minha vontade de dialogar na perspectiva do recorte de gênero e de raça o tema que hora nos preocupa que é “**o impacto da Covid19 na população negra**”.¹³



b)



14

¹³ QUARENTENA negra. Mega Pop. 13 nov. 2020. Grifos do autor. Disponível em: https://www.megapop.com.br/eventos/id-591383/live_27_de_abril_com_antonieta_costa. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹⁴ QUARENTENA sem violência contra a mulher. Prefeitura de Registro. 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.registro.sp.gov.br/n/quarentena-sem-violencia-contra-mulher>. Acesso em: 16 nov. 2020. revista *Linguasagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

c) Quarentena da periferia faz crianças comerem apenas arroz.

Enquanto defensores fanáticos da quarentena horizontal como Vera Magalhães comem bolinho de bacalhau com vinho de R\$ 200 porque a vida importa mais do que a economia, a periferia passa fome.¹⁵

e) As desigualdades sociais não se resumem à medida da renda. O coronavírus, inclusive, delineou uma nova linha que separa as parcelas da população: o trabalho remoto, como o home office. Celso Athayde, fundador da Central Única das Favelas, diz que a quarentena da classe média está sendo viabilizada por trabalhadores pobres. “É claro que o médico, que não é a base da pirâmide, está trabalhando, mas ele é 20% do hospital. Lá também tem faxineiro, serviços gerais. Os prédios comerciais podem estar fechados, mas tem algum vigilante. No prédio residencial o porteiro também está lá. O delivery é feito por pessoas mais pobres”, afirma Athayde.

Para ele, os efeitos do vírus escancaram desigualdades também na área da saúde. “Mesmo que o vírus pegue os dois extremos da pirâmide social sem distinção, um vai buscar atendimento em um hospital público lotado e outro vai para a rede particular. Quem tem mais chance de sobreviver?”¹⁶

Fonte: Autoria própria.

Em (3a), o título que traz a FN *quarentena negra* apresenta um referencial de tempo do nome “quarentena” aliado ao referencial de raça, mostrando, por meio da articulação com a FN *impacto da Covid19 na população negra*, que essa temporalização ocorre de forma diferente para uma parcela da população, os negros. Em (3b), a FN *quarentena sem violência contra a mulher* tem como referencial histórico a desigualdade de gênero durante o confinamento. Esta FN remete a memoráveis de violência doméstica que as mulheres historicamente sofrem dentro de suas casas, que, durante o confinamento, ficaram mais frequentes, tornando pertinentes campanhas de conscientização sobre o assunto. Já em (3c), a FN *quarentena da periferia* é articulada à predicação “faz crianças

¹⁵ OLIVER. Quarentena da periferia faz crianças comerem apenas arroz. *Senso incomum*. 06 abr. 2020. Disponível em: <https://sensoincomum.org/2020/04/06/fome-favela-corona/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹⁶ DESIGUALDADE de renda tende a crescer com o vírus. 25 mai. 2020. *Cursos CNF*. Disponível em: <https://cursoscnf.org.br/blog/post/desigualdade-de-renda-tende-a-crescer-com-o-virus>. Acesso em: 13 nov. 2020.

revista Linguagem, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

comerem apenas arroz”. Novamente, o referencial de tempo se cruza com o referencial de desigualdade de classe social. Nesse texto, este referencial é reforçado pela comparação de duas classes, a primeira representada pela jornalista Vera Magalhães, que defende a quarentena horizontal, é associada à predicação “comem bolinho de bacalhau com vinho de R\$ 200 porque a vida importa mais do que a economia” e a segunda, representada pela periferia, recebe a predicação “passa fome”. São as enunciações sobre a desigualdade de classe durante a pandemia que tornam pertinentes a FN *quarentena da periferia* e permitem a comparação entre duas classes sociais distintas que vivenciam o período. Em (3d), o referencial de desigualdade de classe é relacionado ao de tempo por meio da FN *a quarentena da classe média*, que recebe a predicação de “está sendo viabilizada por trabalhadores pobres”, a qual destaca a diferença entre essas duas camadas da população. A classe média é articulada, no texto, ao trabalho remoto, a um profissional respeitado (o médico), e aos que têm plano de saúde privado; já a classe mais pobre é articulada aos trabalhos menos especializados, como faxineiros, vigilantes, porteiros, pessoas mais pobres que realizam o delivery e àqueles que buscam atendimento em um hospital público lotado. Portanto, são os referenciais de desigualdade de gênero, de raça e de classe que constituem as temporalizações da pandemia, tornando pertinentes os textos publicitários e argumentativos, que expõem o problema e demandam soluções.

As enunciações sobre a quarentena, além de permitirem a criação de FNs complexas, como exibidas na rede enunciativa 3, também propiciaram a criação do adjetivo “quarentener”, remetendo aos referenciais daqueles que participam da quarentena. Analisando as relações subnominais, podemos notar que o adjetivo adotado no português brasileiro parece ter sido um empréstimo da língua inglesa já recorrente na nossa língua. Além de evocar o referencial de tempo do radical, o adjetivo também se relaciona ao referencial de mudanças, como se vê na rede enunciativa 4.

Rede enunciativa 4: FN com o adjetivo “quarentener” ancorada em um referencial mudança.

a) Repensando o apê: o que já é tendência na casa “quarentener”

A moradia começa a mudar, e arquitetos indicam como será o novo morar, com área

de higienização, espaço para trabalhar e cozinha mais bem equipada.¹⁷

b) A preocupação aumenta. Mas, mesmo diante da pandemia do coronavírus, a chegada de mais um integrante na família renova as esperanças e dá mais gana para enfrentar o problema. São os bebês quarenteners: crianças que nasceram em época de isolamento¹⁸.



Fonte: Autoria própria.

Percebemos na rede enunciativa 4, a perspectiva de quarentener como o praticante da quarentena, desse modo essa nomeação acaba por definir a temporalização como a atualização do sentido por articulação intranominal: aquele que pratica quarentena (formação do radical) + (en) er (terminação que constitui o sentido de “praticante de”). Em (4a), *quarentener* traz uma perspectiva não de tempo para o nome *casa*, mas de uma mudança de conceito. Esse novo tipo de moradia condensaria as enunciações desse novo tempo, ressignificando o conceito de moradia, que passaria a expressar não somente lugar de descanso e lazer, mas local de trabalho, razão pela qual, no texto, articulam-se FNs, como “o novo morar”, “espaço para trabalhar” e “cozinha mais bem equipada”. A FN *bebês quarenteners*, em (4b), também é ancorada em um referencial de mudança, porque os bebês que nasceram nesse período trazem outras preocupações para os pais, o que se

¹⁷ MORETTI, Juliene. Repensando o apê: o que já é tendência na casa quarentener. Veja São Paulo. 22 mai. 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/repensando-o-ape-as-novas-tendencias-na-configuracao-dos-apartamentos/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹⁸ 'BEBÊS quarenteners': veja os filhos de famosos que nasceram durante o isolamento. Extra. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/bebes-quarenteners-veja-os-filhos-de-famosos-que-nasceram-durante-isolamento-24382617.html>. Acesso em: 13 nov. 2020.

¹⁹ MAIA, Taíssa. Disponível em: <https://twitter.com/taissamaia/status/1240384357342294016?lang=ar>. Acesso em: 18 nov. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

comprova pelo uso do enunciado “a preocupação aumenta”, embora o novo integrante possibilite a renovação da esperança, como se afirma no enunciado. Em (4c), apesar de a palavra “quarentener” não estar escrita, esse adjetivo pode ser aplicado à jovem da imagem, já que ela está de máscara (aparentemente em sua casa), divulgando uma “baladinha web”, cujo local é “cada um na sua casa”. Nesse caso, o referencial de mudança pode ser notado pelo uso da máscara, acessório obrigatório durante a pandemia, e na referência a uma festa com distanciamento²⁰.

Análise da formação nominal *novo normal*

A temporalização “novo normal” se constitui no nível internominal, que se organiza sintaticamente e reúne um substantivo e um adjetivo para projetar um conjunto de práticas e comportamentos que se diferenciam da realidade fora da pandemia. Ela projeta uma futuridade (in)desejável sobre quais atitudes e características devem acompanhar essa condição imposta pelo tempo atual. A perspectivação “novo” aloja sentidos, compondo com interdependência essa articulação, formando o “novo normal”, marcando positiva ou negativamente essa perspectivação que se comporta como um todo, cujas significações positivas e negativas resvalam futuridade(s) no referencial histórico. Vejamos algumas ocorrências dessa temporalização em rede enunciativa:

Rede enunciativa 5: FN *novo normal* ancorado em um referencial de comportamento.

a) Então, se você busca uma estratégia para o novo normal, saiba que as coisas não serão exatamente como antes. De certo ponto de vista, a crise atual deve impulsionar a inovação para a gestão de negócios pós-pandemia.²¹

²⁰ O adjetivo “quarentener” adquire um viés político ao ser confrontado com o adjetivo “cloroquiner”. Este, formado a partir do medicamento “cloroquina” e do formante –(in)er, passa a significar aqueles que defendem o uso da cloroquina no tratamento da COVID-19 e também que desrespeitam o isolamento social, opondo-se à “quarentener”, que se referem àqueles que defendem os medicamentos respaldados pela ciência para o tratamento do vírus e o isolamento social. Entretanto, não trataremos desse adjetivo neste artigo, já que “cloroquiner” não apresenta um referencial de temporalização.

²¹ O NOVO normal: tendências e gestão de negócios no pós-pandemia. *Saúde Business*. 15 jun. 2020. Disponível em: <https://saudebusiness.com/gestao/o-novo-normal-tendencias-e-gestao-de-negocios-no-pos-pandemia/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

revista Linguagem, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

b) Antecipando o "novo normal": 6 comportamentos para marcas prosperarem.²²

c) O ‘novo normal’ do pós-coronavírus já começou para quem viaja de avião Voos reduzidos, uso de máscara: eis o cenário atualizado para os passageiros da pandemia.²³

d) Quando me perguntam sobre o pós-coronavírus, primeiro penso na pressa e na mania de viver no futuro, comportamentos incoerentes com o novo normal. Depois divido a ideia, o desejo de um mundo com pessoas transformadas, curadas, com a consciência expandida.²⁴



Fonte: Autoria própria.

A temporalização “novo normal” carrega sentidos que em si projeta novos comportamentos na realidade pandêmica. Na rede enunciativa, (5a) declara a necessidade de estratégia(s) para lidar com peculiaridades requeridas que temporalizam comportamentos necessários para um novo lidar diante e após a pandemia. Em (5b), o

²² GROFF, Giacomo. Antecipando o "novo normal": 6 comportamentos para marcas prosperarem. Uol. 07 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/2020/04/07/o-marketing-esta-mudando-para-sempre-voce-esta-pronto.htm?cmpid=copiaecola..> Acesso em: 27 nov. 2020.

²³ BRITO, Sabrina. O ‘novo normal’ do pós-coronavírus já começou para quem viaja de avião. 8 mai. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/o-novo-normal-do-pos-coronavirus-ja-comecou-para-quem-viaja-de-aviao/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

²⁴ RAIÁ, Ana. O novo normal e o novo você. *Vida simples*. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/o-novo-normal-e-o-novo-voce/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

²⁵ NOVO normal: como vai ser a vida depois da pandemia. *Gazeta do povo*. 04 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ux8ONicNyto>. Acesso em: 27 nov. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248. ISSN: 1983-6988.

novo tempo é tratado como uma rede de comportamentos necessários para prosperar diante dessa nova realidade. A temporalização “novo normal” traz como marca os comportamentos necessários para adquirir a prosperidade almejada, em um discurso empresarial. Em (5c), a temporalização sintetiza as práticas importantes e as ações necessárias nesse novo tempo na nova realidade, atentando para os comportamentos importantes para quem viaja de avião: uso de máscara em voos reduzidos. Já em (5d), descreve-se o padrão de comportamentos desnecessários ao “novo normal”: pressa e mania de viver no futuro. Por fim, (5e) traz um traço da rede que, em vídeo, projeta comportamentos importantes para lidar com o que se impõe em vários âmbitos da vida. A temporalização projeta a realidade e formas de lidar com ela que são descritas no vídeo. Atualmente, a pandemia se dá como um marco temporal com que nunca lidamos. Impõe, como vimos, marcas de um presente e de uma futuridade que se manifesta não só em angústias e reações, mas sempre em (re)significações. Por ela, projetamos os contrastes que povoam os marcos de uma realidade que se impõe. Para nós, tais realidades se mostram prenes de sentidos que ficarão para a posteridade que, com prazer, estudamos/estudaremos.

Considerações finais

À luz dos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, buscamos, neste artigo, mostrar que o conceito de temporalização é mais adequado do que o conceito de temporalidade para analisar as diferentes dimensões da nominalidade de um ponto de vista enunciativo. Percebe-se que, na realidade pandêmica, as formações “pandemia” e “novo normal” se ressignificam e (re) significam. Isso pode ser visto assim: ressignificam trazendo um novo olhar ao dizer, colocando sentidos à tona e produzindo significações a serem (e que são!) revistas. Esse (novo) referencial histórico se impõe e carrega em si algumas fragilidades da pandemia no campo social, que, de um lado, podem evocar referenciais de desigualdades e violência. Ou, de outro lado, evocar resistência, cuidado, novos comportamentos.

Desse modo, as temporalizações marcam, para além das temporalidades em elementos de sucessão no tempo, a organização da nossa vida reinventada no cotidiano da

língua. Isso significa que, enquanto seres sociais, e diante da emergência pandêmica, a constituição e articulação de nomes são reivindicadas, com as formações nominais *quarentena*, *quarentener* e *novo normal*. As temporalizações apontam para uma visão sobre o tempo que burla a organização do enunciável, projetando sentidos historicamente situados que discursivizam a pandemia, constituindo modos de dizer, de (re)significar nessa condição.

Seguindo o critério metodológico proposto por Dias (2018), analisamos redes enunciativas das formações nominais *quarentena* e *novo normal*, o que permitiu problematizar como se dão historicamente esses marcos temporais delimitados pela pandemia. Foram detectados que os referenciais históricos de cuidado, de sofrimento, de desigualdade (observado nas FNs complexas *quarentena negra*, *quarentena sem violência contra a mulher*, *quarentena da periferia* e *quarentena da classe média*) e de mudança (verificado nas articulações entre um nome e o adjetivo *quarentener*) perpassam a FN *quarentena* e o referencial de comportamento atravessa a FN *novo normal*.

Vale lembrar que, por fim, a pandemia se mostra como reflexo de uma futuridade que burla o cronológico: por ela, se instala o provisório. Marcamos, pelas temporalizações, sentidos indefinidos que instalam a “quarentena” e, de maneira imprecisa, nos trazem o “novo normal”. São formulações, portanto, que decretam as faces (e os dizeres) sobre o indefinido, que nos oferecem, ainda, muito a investigar.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 11-19.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BALLY, C. *Linguistic Général et linguistique française*. 4 ed. Berne: Éditions A. Francke, 1965.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad.E. Guimarães [et. al.]. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1989.

BIAVATI, N.D.F. e MODL, F. de C. 2020. O trabalho com a produção de sentidos na formação de professores de língua portuguesa: escolhas enunciativas para a didatização. *fólio - Revista de Letras*. 12, 1 (jul. 2020). DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6973>.

CARRARA, Sérgio . As ciências humanas e sociais: entre múltiplas epidemias. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30(2), e300201, 2020. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pDwe86ealSkJ:https://www.scielo.br/pdf/physis/v30n2/0103-7331-physis-30-02-e300201.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DIAS, L. F. *Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa*. Letras, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan-jun, 2013.

DIAS, Luiz Francisco. Acontecimento Enunciativo e Formação Sintática. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Nº 35. Campinas: Projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil, p. 99-138– jan-jun. 2015a.

DIAS, Luiz Francisco. Língua e nacionalidade no Brasil na primeira metade do século XX. *Polifonia*, Cuiabá, v. 22, n. 31, p. 11-31, jan./jul. 2015b.

DIAS, Luiz Francisco. Enunciar o ininteligível. In MARIANI, B.; MOREIRA, C. B.; DIAS, J. P.; BECHK, M. (Org.). *Indizível, ininteligível e imperceptível: o sujeito contemporâneo e seus arquivos*. Niterói: EDUFF, 2017, p. 124-142.

DIAS, Luiz Francisco. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

DUCROT, O. Enunciação. In: *Enciclopédia Einaudi: linguagem-enunciação*. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 368-393, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas/SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas/SP: Pontes, 2018.

PÊCHEUX, Pierre. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-56.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Submetido em: 30/11/2020.

Aprovado em: 11/03/2021.

Como referenciar este artigo:

CARVALHO, Gabriele Cristine; BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes. Temporalização na/da pandemia: a produção de sentidos como um marco Linguístico e Histórico. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 227-248.